

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

YASMIN MENDES DIAS

Raízes Crespas

Produto Jornalístico

Mariana

2023

YASMIN MENDES DIAS

Raízes Crespas

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Cláudio Rodrigues Coração

Mariana

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

D541r Dias, Yasmin Mendes.
Raízes Crespas. [manuscrito] / Yasmin Mendes Dias. - 2023.
40 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Cabelo - Estilo. 2. Identidade social. 3. Negros. I. Coração, Cláudio Rodrigues. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 305(=013)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Yasmin Mendes Dias

Raízes Crespas

Memorial/Produto apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 27 de março de 2023

Membros da banca

Prof. Dr. Cláudio Coração - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Evandro Medeiros - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Jornalista Evelin Ramos - (PUC Minas)
Profa. Julia Lucia Oliveira Albano da Silva - (FECAP-SP)

Cláudio Coração, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 11/4/2023



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Rodrigues Coracao, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/04/2023, às 09:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0506414** e o código CRC **E2C43DDA**.

A Deus os meus agradecimentos sempre serão os mais verdadeiros, pois sem Ele nada disso seria possível.

Aos meus amigos que sempre me apoiaram e acreditam na minha potência.

Aos professores por terem passado todo o conhecimento e me feito uma profissional mais completa.

Obrigada!!

“Que reflitam e perguntem a si mesmas: quantas vezes contribui com a baixa autoestima da minha amiga negra ao fazer piadas racistas sobre o cabelo dela? Quantas vezes fui obstáculo no sonho de uma pessoa negra por achar que filha de empregada doméstica não pode fazer faculdade com meu filho? Quantas vezes internalizei que mulheres negras deveriam me servir em vez de entender que são empurradas a isso por conta do racismo e do machismo estruturais?”

Djamila Ribeiro

RESUMO

O recorte deste trabalho não é somente falar sobre cabelo, pois nunca será apenas cabelo. O nosso objetivo é abordar reconhecimento, pertencimento, afetividade, identidade, construção do empoderamento negro, representatividade, tendo o cabelo crespo como peça central de movimento de várias mulheres negras que buscam por respeito. As nossas raízes crespas englobam questões relacionadas ao racismo, à tentativa de apagamento da nossa cultura e o nosso próprio apagamento. Portanto, falar sobre tais questões se faz necessário e urgente. Assim, pretende-se, com a série documental Raízes Crespas evidenciar diferentes narrativas por meio do exercício da entrevista com três mulheres negras com trajetórias diversas.

Palavras-chave: raízes crespas; racismo; cabelo crespo; representatividade; identidade negra; transição capilar; big chop;

ABSTRACT

The focus of this paper is not just to talk about hair, because it will never be just hair. We aim to address recognition, belonging, affection, identity, the construction of black power, representation, with curly hair as the centerpiece of the movement of several black women seeking respect. Our curly roots encompass issues related to racism, to the attempt to erase our culture, and to our own erasure. Therefore, talking about such issues is necessary and urgent. Thus, the documentary series "Raíces Crespas" intends to highlight different narratives through the exercise of interviewing three black women with diverse trajectories.

Keywords: curly roots; racism; curly hair; representativeness; black identity; hair transition; big chop;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Frame do comercial de 1997 do alisamento químico Alisabel	1
Imagem 2: Frame do comercial Polishop testando eficácia do produto.	2
Imagem 3: Video Clipe Djonga - Hat-Trick	9
Imagem 4: Frame do trailer oficial do live-action Pequena Sereia.	11
Imagem 5: Trailer - A Vida e a História de Madam C.J. Walker.	26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. UMA BELEZA QUE NÃO NOS PERTENCE	5
1.1 O MOMENTO DO RECONHECIMENTO	5
1.2 O PONTO DE PARTIDA	6
1.3 UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL	7
1.4 A MÁSCARA DO SILENCIAMENTO	8
1.5 REPRESENTATIVIDADE NEGRA	10
1.6 VALORIZAÇÃO DOS CORPOS NEGROS	12
1.7 O AFETO DADO ÀS MULHERES NEGRAS NAS RELAÇÕES AMOROSAS	13
2. SOBRE DOCUMENTÁRIOS E CONVERSAS: RAÍZES CRESPIAS NA TEORIA	15
3. SURTOS LEVES E TÊNIS - QUANDO A FILHA CHORA E A MÃE NÃO VÊ	21
3.2 AS ENTREVISTADAS	23
3.3 AS ESCOLHAS VISUAIS DO TRABALHO	27
3.4 AS ESCOLHAS SONORAS	30
3.5 ROTEIROS	31
É HORA DE DIZER TCHAU! MAS O FIM É O INÍCIO	38
REFERÊNCIAS CONSULTADAS	39

INTRODUÇÃO

O cabelo para nós, mulheres negras, é algo muito representativo, um ato político. Infelizmente, por muitos séculos a comunidade negra brasileira passou por um período de escravidão e mesmo com o seu fim, devido a Lei Aurea, após 353 anos de muito sofrimento, ainda sentimos na pele o resultado do horror e da barbárie em torno e a partir do racismo. Os danos durante o processo histórico, que ainda são visíveis nos dias atuais, resultam em minorias marginalizadas e socialmente vulneráveis, tanto econômica como também culturalmente. Os “sintomas” da escravidão fazem com que questões relacionadas ao reconhecimento e à estima permaneçam - como trauma social e herança cultural - assim, a desvalorização do movimento estético do cabelo crespo se torna um aspecto relevante a ser considerado.

Por muito tempo o cabelo crespo era visto - na realidade ainda é - como “cabelos difíceis de cuidar” ou até mesmo “cabelo ruim”. Esse estereótipo acerca do cabelo crespo vem desde a época escravocrata em que os senhores brancos passaram a “aceitar” as pessoas negras, mas o cabelo não era algo aceito por eles. Com isso, pelo fato da não aceitação, o cabelo crespo passou a ser símbolo de inferioridade, ganhando também a nomenclatura de “cabelo ruim”, como aponta a escritora Grada Kilomba em seu livro *Memórias da Plantação, episódios de racismo cotidiano*.

Esse pensamento retrógrado reafirma um posicionamento racista que não define a estrutura capilar dos nossos cabelos crespos. Ainda assim, tal julgamento incisivo se manifesta como racismo velado em produções midiáticas, que divulgavam produtos como chapinha ou até mesmo alisantes químicos.



Imagem 1: Frame do comercial de 1997 do alisamento químico Alisabel

Esses comerciais trazem uma narrativa negativa acerca do cabelo crespo, pois no início dessas produções as mulheres são vistas como alguém sem autoestima, que não se sente confiante e confortável com o cabelo que tem, além dos apresentadores usarem considerações negativas que aquele cabelo está seco, opaco e sem brilho, não sendo ideal para aquela mulher. Após a mudança usando os produtos que são ofertados ao público, é possível notar uma mudança brusca nas personalidades das mulheres que estão nestes comerciais, como é o caso do comercial de divulgação da prancha alisadora da marca Polishop¹ e o comercial Alisabel² do ano de 1997. A perspectiva que estes comerciais trazem ao telespectador é o principal condutor para que meninas e mulheres negras se sintam infelizes com o seu crespo, pois ele influencia a buscar outra personalidade, por mais que essa personalidade apague suas origens. É um processo de naturalização do racismo que é levado no discurso do “cabelo mal cuidado”.



Imagem 2: Frame do comercial Polishop testando eficácia do produto.

Essa intervenção capilar por meio de produtos midáticos resulta na extinção da representatividade para com outras mulheres e crianças negras, pois o cabelo crespo é um dos principais condutores do empoderamento negro, além de se tornar uma ferramenta do racismo velado.

Quando somos submetidas à política do alisamento, há um apagamento das questões inerentes à própria identidade. O alisamento cria um falso pertencimento a um grupo que nunca gostou da nossa presença nos lugares, e esse condicionamento apaga a necessidade constante de estar falando abertamente sobre o racismo, sobre as questões raciais, sobre o afeto negro e, fundamentalmente, sobre a nossa autoestima.

Por falar em condicionamento, desde sempre fomos condicionadas a algo, seja a alisar o cabelo desde usá-lo com coques e tranças, tudo isso para diminuirmos os efeitos do racismo

¹ Comercial Polishop, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Gpq_KiqeUvA

² Comercial Alisabel, 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zngv8aoW1BU>

e sermos aceitas pela branquitude³. Com isso, a nossa autoestima passa a ser inexistente: não nos olhamos com olhar de afeto e carinho, passamos a odiar as nossas características e a nossa própria cultura. Além de esconder o nosso cabelo, passamos a odiar os nossos lábios carnudos, a nossa cor e os nossos narizes largos, e tudo isso se transforma no apagamento da nossa própria história.

Dizem por aí que “está na moda ser negro”, mas desde que a pessoa não seja negra. Usam nossas tranças, dependem de técnicas para simularem um cabelo crespo, realizam procedimentos estéticos a fim de aumentar os lábios, mas mesmo assim não gostam das nossas características em nós. A problemática que eu trago aqui é muito incisiva e pessoal, e além disso vai ao encontro com o que muitas de nós pensamos, mas que é pouco falado, devido ao receio predominante de abordar essa realidade com medo dos julgamentos. Assumir o nosso crespo é resultado de uma resistência que merece ser amplamente discutida.

Ainda assim, o objetivo deste trabalho não é somente abordar o assunto, mas também ampliar a discussão para se fazer presente na vida de outras mulheres negras, para que se sintam confortáveis a falarem e discursarem abertamente, de modo que tenhamos variadas percepções sobre o mesmo assunto. Dar voz a essas mulheres é essencial para entendermos e compreendermos como o racismo atua de modo diferente em cada pessoa, cada uma de nós temos nossa própria história com a nossa raiz crespa e essas histórias se conectam em nossa ancestralidade.

Diante disso, considero que o Raízes Crespas é um meio de debate para evidenciar as questões raciais com sensibilidade, visto sob a ótica de uma jornalista negra. É claro que não é apenas um lugar para evidenciar as questões raciais, porque nós pessoas pretas temos muito o que falar e acrescentar. Pretendo mostrar três momentos de histórias de mulheres diversas, mas no mundo lá fora existem muitas outras Júlias, Vânicas e Tinas, com histórias tão extraordinárias quanto as vistas neste trabalho e que precisam de maior visibilidade.

Falar sobre as questões raciais dentro de uma universidade e mercado predominantemente branca muda toda a percepção do tema, pois se existem poucos jornalistas negros no mercado e nas universidades, evidentemente essa pauta não será prioridade dentro das redações jornalísticas. Eu venho com o Raízes Crespas para intensificar a mudança e nos fazermos presentes dentro da profissão. A intenção do Raízes Crespas é mostrar ao público histórias reais de mulheres que estão em frente às câmeras contando momentos sensíveis de suas vidas, mas por mais que sejam histórias vulneráveis, elas precisam ser contadas para

³ Compreendida como identidade racial branca em que se imagina ter uma superioridade sobre as demais raças, sendo também um conjunto de privilégios de uma classe

serem conhecidas. Dizem que tudo que não é visto não é lembrado, portanto, se essas questões não forem trazidas para o conhecimento geral elas irão continuar sendo banalizadas e esquecidas.

1. UMA BELEZA QUE NÃO NOS PERTENCE

Nós, mulheres negras, é preciso reforçar, fomos impostas aos padrões de beleza em que era necessário alisar o cabelo para poder frequentar escolas, creches e qualquer tipo de organização em que estivéssemos presentes. Não podíamos escolher como os nossos cabelos iriam permanecer, já era algo preestabelecido pela própria sociedade: o cabelo preso, alinhado e sem as características crespas.

Na infância, é imperceptível para nós crianças os motivos pelos quais algumas de nossas mães seguem essas micro-regras impostas pela sociedade. Pode ser que essas mães nunca chegaram de fato a entender o motivo para seguirem essas “regras”, apesar de talvez sentirem em seus inconscientes um incômodo em relação a isso.

Crescemos sendo impostas a essa cultura de negar quem somos, não gostamos da nossa cor, esquecemos da nossa origem, apagamos a nossa identidade e maquiemos os nossos traços para fingir ser quem não somos. Ficamos amarradas em uma cultura racista que nos oprime e nos coloca em locais minoritários.

A cultura racista que nos oprime é decorrente a escravidão feita por longos 300 anos marcados por injustiça e crueldade. De acordo com Silvio Almeida (2019), existem duas explicações entre a relação de escravidão com o racismo:

A primeira parte da afirmação de que o racismo decorre das marcas deixadas pela escravidão e pelo colonialismo. Conforme esse raciocínio, as sociedades contemporâneas, mesmo após o fim oficial dos regimes escravistas, permaneceriam presas a padrões mentais e institucionais escravocratas, ou seja, racistas, autoritários e violentos. Outra corrente, apesar de não negar os impactos terríveis da escravidão na formação econômica e social brasileira, dirá que as formas contemporâneas do racismo são produtos do capitalismo avançado e da racionalidade moderna, e não resquícios de um passado não superado. (ALMEIDA, 2019, 112)

De acordo com essa explicação, percebo como a visão social das pessoas negras sempre foi prejudicada. A visão sobre os cabelos crespos e curtos tidos como feios começam nessa época da escravidão.

1.1 O MOMENTO DO RECONHECIMENTO

Quando nos damos conta de quem somos e da nossa origem, já realizamos diversos procedimentos nos nossos cabelos, mas isso não é razão para não darmos início ao nosso próprio reconhecimento. Muitas mulheres fazem a transição capilar⁴ e outras realizam o Big Chop⁵, tudo irá depender da escolha pessoal, existem várias circunstâncias para escolher um

⁴ Processo pelo qual o cabelo passa por uma transição na estrutura do fio, deixando o cabelo natural crescer sem o uso de químicas. Para depois conseguir realizar o corte sem perder o comprimento do cabelo.

⁵ Procedimento capilar em que é cortado 90% do cabelo alisado, deixando apenas os fios crespos ou cacheados.

ou outro. A transição capilar não é um processo fácil, o cabelo fica com duas texturas diferentes e isso causa em nós mulheres um efeito colateral de baixa autoestima. O Big Chop é ainda mais forte, pensando no turbilhão de sentimentos: vergonha em aparecer em público, dificuldade de reconhecer a própria imagem. Os sentimentos são iguais, mas em cada uma de nós a pancada é diferente.

Em muitos casos, o corte dos cabelos de maneira muito curta vem acompanhado não somente de preconceitos raciais, mas também do machismo que faz com que mulheres de cabelos curtos sejam vistas como menos atraentes sendo comparadas a homens, já que a ótica machista condiciona a percepção do tamanho dos fios capilares em mulheres e homens, respectivamente. Quando passamos para os casos de mulheres negras, essa situação ganha uma outra forma, pois continuamos falando do mesmo machismo.

Por pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisa Médica de Queensland⁶, na Austrália, foi descoberto que mulheres pretas possuem em seus DNA o gene trichohyalina, gene responsável por formar os cachos e deixá-los crespos, e, devido a isso, por fatores genéticos e hereditários, cabelos crespos que independentemente do tamanho são encarados como ruins. Quando uma pessoa de cabelos crespos resolve realizar o Big Chop, a visão social em torno dela é agravada em decorrência dos fatores expostos.

A percepção que tenho em mim é que essa série de ações existe porque voltamos a sentir na pele todo o racismo sofrido há anos. É como se fossem ressuscitados no momento em que nós aceitamos e voltamos às nossas raízes crespas, já que no momento em que estamos fingindo ser quem não somos - no caso alisando os fios crespos - estamos passíveis a sermos aceitas na sociedade branca. Quando tomamos ciência de quem somos, o racismo é escancarado de todas as maneiras. O ciclo retorna ao início e é doloroso demais.

1.2 O PONTO DE PARTIDA

O objetivo deste trabalho é, essencialmente, evidenciar todas as questões que estiveram presentes no meu autoconhecimento como uma mulher negra após o processo de transição capilar e, além disso, dar destaque às percepções coletivas de diferentes mulheres negras que também sentiram e vivenciaram esses acontecimentos em suas vidas. Dar espaço a elas é essencial para vermos diferentes pontos de vista sobre o assunto e, ainda assim, visualizar como o racismo atua na vida de cada uma de nós.

Para isso, nossa proposta é a série documental “Raízes Crespas”, dividida em 3 episódios: EP 1 - Reconhecimento; EP 2 - Empoderamento negro e EP 3 - Para além do

⁶ Disponível em: <https://www.qimrberghofer.edu.au/media-releases/researchers-find-curly-hair-gene/>

cabelo, que trará diferentes pontos de vista sobre as camadas do racismo, pois somos acometidas por ele de maneiras diferentes. Além disso, a série documental servirá como ressignificação da dor, como, também, dará espaço para o afeto e reconhecimento que existem nessas identidades.

Este trabalho se faz presente, portanto, para deixar questionamentos e não respostas e, ainda assim, deixar explícito o que várias mulheres negras passaram durante o processo de libertação, desde o racismo sofrido até o momento do próprio reconhecimento como uma mulher negra, tendo ou não realizado alguma intervenção capilar.

Pensando que o jornalismo é um campo plural e diversificado, é necessário que nesta pluralidade haja discussões e questionamentos a respeito de questões raciais. Pautas como essa criam a urgência para a sociedade ser um local menos racista, pois queremos estar com pessoas que são antirracistas e que lutem/sejam solidárias pelas nossas causas. Desse modo, a importância e a contribuição deste trabalho para o campo comunicacional é um ato de posicionamento, como também um local de representatividade para várias outras de nós.

1.3 UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL

Tomar a iniciativa de iniciar uma pesquisa sobre este tema foi como caminhar no escuro: sentia medo, incerteza, desânimo e muitos outros sentimentos que vinham em mim, mesmo sabendo da sua importância. Mas chega uma hora que tudo precisa ser encarado “se der medo, vai com medo mesmo”, já dizia a famosa frase que circula pela internet há anos. A minha luz no fim do túnel chegou no momento em que “mergulhava” minha mente nos livros, minidocs, curtas e monografias para colocar minha teoria como uma afirmação, e não apenas um pensamento sem nexos.

Nesses “mergulhos” de conhecimento, li e ouvi muitas coisas que despertaram a minha mente de uma forma muito interessante, pois tive diversos insights e percepções que foram se encaixando e tornando o pensamento fluido. Um dos conteúdos que pude visualizar e pautar ideias sobre ele foi em *Kbela — O Filme (2015)*. As escolhas da estética, trilha sonora e os takes marcantes me fazem pensar em muitas afirmações que eu tenho desde que me reconheço como uma mulher negra politizada.

O simbolismo do racismo trazido no filme é evidente na vida real, não tem como negar. As vozes que escutamos diariamente proferindo xingamentos sobre os nossos cabelos crespos são os mesmos dos olhares estranhos ao sairmos na rua com os fios livres e soltos. Comentários desagradáveis a respeito do cabelo crespo sempre existiram: “pixaim, super choque, bombрил” etc.

A saudade da infância e dos momentos bons, mesmo havendo as variáveis negativas devido a traumas passados, o filme me levou em uma memória que não me lembrava há um bom tempo: minha mãe cuidando do meu cabelo. Acredito que a maioria de nós possui uma memória tão boa e afetuosa como a minha, de nossas mães usando receitas caseiras e produtos capilares de baixo custo para deixar os cachos com brilho e sedosidade.

Apesar deste cuidado, quando saímos de casa a tristeza por reconhecer o racismo diariamente se torna muito dolorosa. A vontade é de nos tornarmos pessoas brancas, excluindo todo e qualquer traço negroide para sermos aceitos na sociedade e não sermos mais vistos como pessoas negras minorizadas e excluídas. Como não conseguimos renascer com uma pele branca repleta de privilégios, alisamos os nossos cabelos para nos tornarmos passíveis a sermos aceitas. Funciona? Funciona, mas tudo tem um preço. E o preço é alto.

Nossos cabelos tornam-se, desde muito cedo, um fardo difícil que, ao longo de nosso crescimento e desenvolvimento físico, vai pesando cada vez mais e abala a percepção de nossa identidade, pois independente de nossas escolhas estéticas e dos cuidados que temos com eles, os preconceitos raciais, estereótipos e clichês que foram implantados com a finalidade de ridicularizar esse atributo permanecem solidificados no senso comum da opinião pública e necessitam de um árduo trabalho de resignificação para libertar mulheres negras dessas estratégias de desqualificação da estética negra. (BERTH, 2019, p. 72)

1.4 A MÁSCARA DO SILENCIAMENTO

Djamila Ribeiro (2018), em “Quem tem medo do feminismo negro?”, aborda as questões identitárias mostrando ao leitor quem de fato era Djamila antes de se aceitar uma mulher negra de cabelo crespo. Muitas das vezes se mostrou refém da estética branca em alisar o cabelo para se sentir aceitável na sociedade em que fazia parte. Djamila apresenta o termo “máscara do silenciamento”, que compreendi como algo caracterizado ao apagamento do seu verdadeiro ‘eu’ para se encaixar em uma estética que não lhe pertence e para se sentir aceita naquele ambiente em que estava.

De fato, a máscara do silenciamento é o que muitas de nós somos submetidas. Vivemos com uma máscara em nossos rostos de maneira a apagar quem realmente somos para sermos aceitas em condições razoáveis. Um exemplo dessa máscara do silenciamento é exposta no videoclipe do cantor Djonga - “Hat-Trick”⁷: no clipe vemos um homem negro com o rosto pintado de branco. Uma possível interpretação é que esse personagem que está com o rosto pintado seja o chefe da empresa, pois ao chegar na sala de reunião todos o

⁷ Videoclipe do cantor Djonga. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=trfuqjFx_XE

recebem muito bem. A recepção tem o ar da aceitação, olhares admiradores e cumprimentos respeitosos.



Imagem 3: Video Clipe Djonga - Hat-Trick

Se esse mesmo homem estivesse sem o rosto pintado chegando no mesmo local e com as mesmas pessoas em sua volta ele seria bem recepcionado? Como seria a reação das pessoas à sua volta? Essas são algumas perguntas óbvias, mas que precisam ser feitas. A máscara do silenciamento nos condiciona a uma realidade de negarmos quem somos para conseguirmos frequentar determinados locais. O que não deveria acontecer. Nós negros temos a autonomia de estarmos nestes lugares que não somos aceitos e temos o poder de fazermos presentes.

Em vários momentos, Djamilia mostra ao leitor como se sentia em relação ao apagamento em que sofria, que inclusive se torna algo comum na vida de mulheres negras. “A vontade de ser aceita nesse mundo de padrões eurocêntricos é tanta que você literalmente se machuca para não ser a neguinha do cabelo duro que ninguém quer” (RIBEIRO, 2018, p. 14). Constantemente nos colocamos em condições inimagináveis para sermos aceitas, para sermos vistas sem julgamentos e rótulos. Nos vemos como pessoas brancas, os costumes e trejeitos da branquitude são inseridos no nosso cotidiano e vivemos como se não fôssemos pessoas negras.

O apagamento da identidade da mulher negra se torna indiscutível quando percebemos que elas estão inseridas em contextos da branquitude, como, por exemplo, o ato de simular um cabelo longo e liso ao usar toalhas enroladas na cabeça (RIBEIRO, 2018). Além disso, percebe-se uma negação de identidade, negação de seus cabelos crespos e sua cultura. Por mais que exista insistência, o pertencimento nunca irá existir da forma que idealizamos.

Passamos tanto tempo refêns do alisamento que não nos reconhecemos mais. Não nos vemos como mulheres negras que pensam e agem de acordo com pautas raciais, que defendem e lutam pelos nossos. Vivemos com um antolho, nos limitando à verdade e à nossa

origem. Quanto mais alisamento esse cabelo recebe, mais o autoconhecimento racial é escondido. Os padrões de beleza que foram trazidos até as mulheres negras atua fortemente em nossa percepção do que é aceitável ou não pelo outro e isso é visto na dominação racial, como argumenta Bell Hooks: “A realidade é que o cabelo alisado está vinculado historicamente e atualmente a um sistema de dominação racial que é inculcada nas pessoas negras, e especialmente nas mulheres negras de que não somos aceitas como somos porque não somos belas”. (hooks, 2005, p.8)

Quando eu alisava o meu cabelo tampouco eu sentia vontade de ir atrás desses assuntos, pois me achava pertencente a um outro grupo. Inocente, nunca fui pertencente a ele. Provavelmente, a minha vontade de querer ter o cabelo liso está relacionada ao desejo de ter nascido branca para ter outro tipo de fio capilar para não passar por tudo que vinha sofrendo tendo o cabelo crespo. A ditadura do alisamento é algo que ainda atinge muitas mulheres negras que, provavelmente, usam da técnica para criar uma aparência branca e de algum modo se sentirem pertencentes ao mundo branco, como é falado por Bell Hooks.

O alisamento era claramente um processo no qual as mulheres negras estavam mudando a sua aparência para imitar a aparência dos brancos. Essa necessidade de ter a aparência mais parecida possível à dos brancos, de ter um visual inócuo, está relacionada com um desejo de triunfar no mundo branco. (hooks, 2005, p.3)

Eu só passei a ter conhecimento de pautas raciais quando parei de alisar e fiz meu Big Chop. Esse procedimento estético foi um divisor de água em minha vida, por um momento tive a sensação que estava dormindo para não tomar consciência da verdade, do que eu deveria ter feito há muito tempo, voltar às minhas raízes crespas. É isso que o racismo nos condiciona, oculta a verdade e nos faz crer que esses assuntos não devem ser vistos como urgentes e necessários.

1.5 REPRESENTATIVIDADE NEGRA

A valorização dos corpos negros é algo que muitas mulheres lutam diariamente, pois é recorrente a necessidade de estamos protegidas contra a palavra do ódio e pensamentos errôneos sobre nós. Existem várias maneiras para exaltar o corpo negro, desde a estética corporal para elevar a autoestima até os materiais sonoros e audiovisuais que tratam de temas raciais e que atingem positivamente a população negra. Temos, como exemplo, o novo live-action da Disney “A Pequena Sereia”, interpretada pela atriz Hailey Bailey. No momento em que foi divulgado o teaser do filme, diversas crianças negras se emocionaram ao ver, pela segunda vez, de forma oficial, uma princesa negra nas produções da Disney. Esse feito é extremamente empoderador e representativo para essas crianças, uma vez que esse público

infantil cresce com pouquíssimas referências de representatividade negra nas produções midiáticas, como vimos acima.



Imagem 4: Frame do trailer oficial do live-action Pequena Sereia⁸.

Por crescermos sem essa representatividade, aceitamos tudo que é dito como “normal” e aceitável. Me lembro claramente quando tinha por volta dos 8 anos sentir pela primeira vez de maneira explícita o racismo e me questionar sem entender: “mas, ‘pera’, porque não posso?”. Quando era mais nova, enquanto minha mãe trabalhava, ficava uma parte do dia na creche. Como atividades fazíamos várias apresentações teatrais, e em uma delas iríamos encenar a apresentação da “Emília — Boneca de pano” do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

No momento em que os papéis estavam sendo escolhidos pelas “tias” da creche e designados aos alunos, uma dessas mulheres me parou e disse “eu não te dei o papel principal da Emília porque a personagem é branca”. Na época não entendi muito bem, mas alguns anos depois tudo foi esclarecido. Sofri racismo. O que mudava no papel da personagem se ela fosse negra? O contexto da história mudaria? Para todas essas perguntas a resposta é não. Nada mudaria se uma criança negra interpretasse o papel de uma personagem branca, pois a narrativa não seria afetada.

Na minha fase como mulher adulta, sinto uma felicidade enorme ao ver personagens naturalizados brancos sendo representados por pessoas negras. Isso é o que clamamos intensificamente por representatividade. A representatividade é um forte condutor de resistência e identificação e, é também, como um meio de posicionamento: “ESTAMOS AQUI”.

Emocionar-se quando você se vê em um personagem negro é maravilhoso, ainda mais quando ele expressa de maneira simples tudo aquilo que você sente. Isso não foi diferente na

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E-qPSU-OSb8>

minha primeira vez assistindo ao curta-metragem *Hair Love* (2019), pois me emocionei do início ao fim. O reconhecimento negro, a identificação e a importância da valorização da estética negra por parte dos pais é primordial para as crianças se sentirem empoderadas. O afeto que é dado pelos pais a qualquer criança negra gera confiança, algo super necessário para enfrentar a sociedade racista que nos oprime.

1.6 VALORIZAÇÃO DOS CORPOS NEGROS

Até chegar no momento em que nos valorizamos e exaltamos o corpo negro, passamos por diversos obstáculos que nos fazem mais fortes, apesar das incontáveis vezes que outras pessoas tentam nos tirar de cena. Sem dúvida, essa valorização começa pela consciência de classe, quando elegemos representantes governamentais que defendem e lutam por um país mais justo e igualitário, que defendem as cotas raciais, que reconhecem a nossa limitação pela educação gratuita e de qualidade, devido a mais de 300 anos de escravidão dos nossos descendentes.

Por muito tempo a nossa autoestima foi algo quase inexistente, mas que graças a todo o movimento de luta é algo que está sendo devolvido naturalmente às mulheres negras e percebemos isso quando saímos nas ruas e vemos diversas mulheres com os seus cabelos crespos assumidos. É grandioso o sentimento de retornar aos espaços que nos foi tirado com esse poder que o cabelo trás.

O cabelo é, assim, um elemento simbólico muito marcante da autoestima da mulher preta, e é por ele que a construção de amar o próprio corpo começa. Se por muito tempo fomos capazes de odiar o nosso cabelo, agora estamos assumindo os fios naturais e expondo ao mundo o nosso poder, conseguimos quebrar um padrão de beleza que era insustentável ao longo prazo e que nos condicionava ao apagamento da nossa identidade.

O empoderamento da mulher negra vai além da busca por uma estética ideal, pois o empoderamento não se trata de se sentir bonita ou não. Está mais ligado ao fato de nos sentirmos bem com nós mesmas, de sermos mulheres autoconfiantes tendo como princípio o amor próprio de nós mesmas. As mulheres negras alisando ou não os seus cabelos passam por processos que afetam a sua autoestima e que podem ser um forte condutor da percepção desse empoderamento.

Os cabelos são um importante elemento estético de autoafirmação e de cultivo do amor à própria imagem, sobretudo para mulheres, sejam elas da etnia que forem. E esse estigma recai sobre os ombros de mulheres negras desde a mais tenra infância, pois nossos cabelos são alvo constante de diversas injúrias, rejeições e manifestações racistas, esteja ele alisado ou ao natural. (BERTH, 2019, p. 72)

A ligação do cabelo com a autoestima da mulher negra, pode-se considerar que é um progresso a ser desenvolvido internamente em cada mulher. Pois, é por ele que identificamos a nossa identidade na sociedade. Identificar essa autoestima e, conseqüentemente o empoderamento é considerado algo positivo em nossas vidas e que faz com que enfrentemos o racismo e a rejeição que está sobre nós, sendo assim refletindo-se então ao nascimento do orgulho racial, como aponta Berth:

Nossos cabelos tornam-se, desde muito cedo, um fardo difícil que, ao longo de nosso crescimento e desenvolvimento físico, vai pesando cada vez mais e abala a percepção de nossa identidade, pois independente de nossas escolhas estéticas e dos cuidados que temos com eles, os preconceitos raciais, estereótipos e clichês que foram implantados com a finalidade de ridicularizar esse atributo permanecem solidificados no senso comum da opinião pública e necessitam de um árduo trabalho de ressignificação para libertar mulheres negras dessas estratégias de desqualificação da estética negra. Parecem-nos, então, muito coerentes os discursos e narrativas de enfrentamento do racismo vigente, que exaltam os cabelos como elemento de orgulho racial, pois amá-los significa cuspir de volta para a boca do sistema racista todas as ofensas, rejeições, exclusões que nos são direcionadas ao longo de toda uma vida. (BERTH, 2019, p. 72)

Pensar se somos capazes de fazer algo, de estudar, de estar a frente do público e dar a nossa palavra está atrelado ao racismo e à LUTA CONTRA ELE. Apesar das circunstâncias negativas que nos circulam, a nossa autoestima vem cada vez mais ganhando força e traçando novos rumos a um poder significativo e importante. Cada vez mais vemos mulheres negras nos espaços das universidades, da política, no cinema, programas de TV e novelas. Ter isso crescendo gradativamente é significativo. Quando um negro está no topo é como se todos os outros também estivessem.

1.7 O AFETO DADO ÀS MULHERES NEGRAS NAS RELAÇÕES AMOROSAS

Relacionar-se com alguém tendo um cabelo crespo é quase impossível, visto as poucas relações afetivas que eu, Yasmin, mantive durante a minha vida. Se vivemos a infância sendo rejeitadas por causa do nosso cabelo, na fase adulta não é diferente. Os olhares de paixão e desejo vindo de homens não é o mesmo dado para as mulheres brancas, a perspectiva é que servimos apenas para o sexo, não para sermos amadas. Quantas de nós já não nos relacionamos apenas sexualmente com diversos rapazes, mas a relação nunca foi para frente? Sempre existia um empecilho para o relacionamento se tornar algo mais sério: “não estou pronto agora”; “minha vibe no momento é outra”, falas como essa são escutadas com frequência, e em menos de 1 mês essa mesma pessoa provavelmente irá aparecer namorando

uma outra mulher com características diferentes da mulher negra. Então, nesse sentido, fica claro que o empecilho não é não estar pronto para uma relação, mas sim a nossa cor.

Viver sendo rejeitadas a esse ponto causa uma ferida muito intensa não somente em nossa autoestima, mas também em nossa saúde mental. Se não somos amadas e nem desejadas isso gera um complexo de inferioridade e traz ainda mais insegurança e colabora para a recusa da nossa identidade negra, resultando em cada vez mais querer ficar presas a amarras como o alisamento, para agradar aos homens e sermos enganadas com sinais inexistentes de amor. Se antes a ternura que nós mesmas deveríamos ter com o nosso corpo foi tirado de nós, a ternura dada por outros homens a nós pode ser considerada nula.

Essa afirmação de que as mulheres negras são rejeitadas pelos homens é algo que alguns autores já vinham debatendo e trazendo análises, como é o caso de Aparecida Sanches, no seu artigo *A flor da pele: relações raciais e escolhas sexo-afetivas em Salvador de 1900/1940*. A autora argumenta que pelo fato dos homens negros casar-se com mulheres brancas isso lhe trazia notoriedade e, conseqüentemente, ao escolhorem mulheres brancas, favorecia para a rejeição das mulheres negras.

Para um homem negro casar com uma mulher branca, ou que fosse socialmente considerada como branca, era um símbolo que agregava prestígio ao homem que o realizava e também nos revela outra face do recorte racial nos relacionamentos sexo-afetivos: a tendência à rejeição às mulheres negras para as relações formais. (SANCHES, 2017, p. 35)

Apesar do artigo ter sido elaborado com base nas relações afetivas do ano de 1900 a 1940, isso se torna atual devido às circunstâncias que não se modificaram com o passar do tempo. Pode-se passar 20, 30, ou 100 anos e as mulheres negras serão colocadas em segundo plano, não sendo vistas como prioridade afetiva.

Tenho a sensação que o afeto dado às mulheres negras é algo construído em etapas e por nós mesmas. Se antes não nos sentíamos amadas, talvez era porque não amávamos a nós mesmas. Para sentir esse amor, o amor deveria começar em nós: amando o nosso corpo, nossa pele, nossos traços negróides e, claro, o nosso cabelo crespo. Aí sim, talvez as relações amorosas pudessem começar a tomar forma diante uma outra perspectiva, por isso o afeto dado às mulheres negras é algo idealizado e conquistado em etapas.

2. SOBRE DOCUMENTÁRIOS E CONVERSAS: RAÍZES CRESPAS NA TEORIA

Entender o que é documentário para quem nunca teve experiências concretas nessa área foi desafiador, ainda mais no âmbito de entender e diferenciar documentário e relacionar com que eu estava propondo, afinal entendo que a minha série documental se encaixa mais em um contexto de reportagem, pois a proposta era de trazer uma estrutura jornalística em que eu pudesse entrevistar diferentes pessoas. Fernão Pessoa Ramos em *Mas afinal... o que é mesmo documentário?* aborda esse questionamento do que afinal se trata o documentário, com essa breve explicação compreendi que o documentário é tudo aquilo que fazemos asserções sobre o mundo, sendo, portanto, uma maneira de narrar o que estamos observando.

[...] podemos afirmar que o documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados. (RAMOS, 2008, p. 22)

Ainda assim, a definição de documentário pode ser compreendida de uma outra maneira que também é trazida por Ramos. Portanto, ele trás que o documentário pode ser vislumbrado sob duas perspectivas: estilo e intenção. O estilo do Raízes Crespas é visto na estrutura proposta em que trago 3 personagens distintas, com idades e vivências diferentes. Ainda assim, o estilo também é visto na parte técnica do produto em que escolhi referenciar elementos africanos para compor a parte imagética do trabalho.

A intenção trazida na série documental foi de passar para o espectador essa ideia de entrevistas frente a frente, trazendo a percepção de um trabalho mais humanizado em que existe a troca de informações, sendo, portanto, um meio para que o espectador se sinta conectado com o que está sendo passado. Assim como argumentado pelo autor no livro, percebe-se que a série documental Raízes Crespas possui o peso que é o desejo em falar abertamente sobre a vida da mulher negra em volta das suas raízes. O autor também traz a perspectiva da consequência, porém, aqui ela é positiva. Pois vejo que as consequências deste trabalho são tornar um local de pertencimento e um meio para que outras mulheres negras não se sintam sozinhas, um espaço para debater assuntos relevantes que são poucos discutidos.

Uma das vertentes do Raízes Crespas, ao longo dos 3 episódios, é que o espectador se sinta conectado com o produto, a realidade precisaria estar explícita, por mais que em alguns momentos haja falas delicadas. Em certo momento da parte 1 em seu livro, Fernão nos trás

uma pergunta retórica para refletirmos sobre a ideia de realidade inserida nos documentários: “De que modo expor com a máxima clareza nossa interpretação sobre o fato que anunciamos? A resposta será múltipla, não incidindo sobre a definição do campo” (RAMOS, 2008, p.30). A maneira pela qual caracterizou-se a realidade nesta série documental foi exposta por meio de depoimentos reais que foram sendo elaborados de acordo com o conteúdo proposto em cada episódio e, claro, as respostas das entrevistadas.

Partindo da discussão conceitual de documentário e entrando na temática de como distinguir reportagem de documentário, que anteriormente havia trazido em uma breve fala, Ramos destaca que na reportagem existe a presença do repórter e que ele está presente para mediar uma conversa entre âncora e o telespectador. Essa mediação que Ramos trás para definição de reportagem, com a presença do repórter, é anulada neste trabalho, devido a escolha de não aparecer vestígios sonoros e de imagens de quem está por trás da câmera.

De acordo com ele, “Chamamos de ética um conjunto de valores, coerentes entre si, que fornece a visão de mundo que sustenta a valoração da intervenção do sujeito nesse mundo.” (RAMOS, 2008. p. 33) Em virtude de estar abordando assuntos delicados, que muitas vezes podem ter sido um possível gatilho para fonte, era necessário lidar com a ética profissional e pessoal. Estar atrás das câmeras presenciando todos aqueles relatos fortes e repletos de histórias não foi fácil para mim. No entanto, mantive postura. Ramos em seu livro mostra essa perspectiva a respeito da ética e da imparcialidade em documentários, que para ele existe um conjunto de valores a serem seguidos:

Trata-se de um conjunto de valores que se constrói a partir da necessidade de trazer a realidade, sem interferências, para julgamento do espectador. Duas metáforas podem definir a ética do documentarista que age em situação de recuo: o paralelepípedo do real e a mosquinha da parede. (RAMOS, 2008, p. 36)

A não interferência no momento das gravações, deixando as entrevistadas falarem o que estavam sentindo, para além do que estava sendo perguntado, favoreceu para o julgamento pleno do espectador. Diversas possibilidades foram entregues ao espectador, e a partir do momento que ele estará consumindo o conteúdo do documentário, terá responsabilidade sobre as possíveis interpretações.

Estudiosos dizem que jornalistas devem adotar a imparcialidade, mas até que ponto a imparcialidade se faz presente? No momento das gravações houve depoimentos em que foi inevitável não me emocionar, apesar de não ter expressado nenhuma fala a respeito disso eu não agi com neutralidade. Não dava para ser neutra diante do que estava ouvindo, apenas deixei a água rolar. No artigo “*O documentário como gênero audiovisual*”, de Cristina

Teixeira de Melo, elaborado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ela argumenta sobre essa imparcialidade e, para além disso, fala sobre a imparcialidade ser quase nula, tratando que é necessário passar para o espectador a realidade do que está sendo mostrado.

A imparcialidade jornalística vem sendo desmitificada por alguns estudiosos, mas, mesmo com esses avanços, boa parte dos jornalistas, professores e manuais de jornalismo insistem em apregoar a neutralidade da imprensa. É sensato admitir que para bem informar a opinião pública o melhor seria reproduzir os fatos com fidedignidade, precisão e exatidão, mas a imparcialidade é praticamente impossível de ser alcançada. (MELO, 2013. p. 29)

Ainda assim, por ter seguido a parcialidade em certos momentos das gravações, fiz aquilo que Cristina chama de subjetividade, o meu olhar para as afirmações que estavam sendo construídas ao longo da série documental foi totalmente genuíno, assim como as fontes estavam deixando claro o seu posicionamento a respeito do tema para quem fosse assistir, o que desde o início é evidente.

O documentário é um gênero fortemente marcado pelo "olhar" do diretor sobre seu objeto. O documentarista não precisa camuflar a sua própria subjetividade ao narrar um fato. Ele pode opinar, tomar partido, se expor, deixando claro para o espectador qual o ponto de vista que defende. (MELO, 2013. p. 29)

Em certo momento do artigo, Cristina fala que o documentário pode ser considerado uma obra pessoal, em que o diretor coloca seu ponto de vista na história e, a partir disso, a narrativa é construída. Como não colocar o olhar do diretor sob uma obra que é a história de sua própria vida? Esse é o meu caso e vejo que realmente seria impossível. Cristina inclusive levanta a afirmação sobre isso: “é impossível ao documentarista apagar-se” (MELO, 2013, p. 30). Desse modo, o que filtro disso é que seria impossível apagar os meus traços dessa série documental, não haveria maneiras de falar sobre mulheres negras e cabelos crespos sem me sentir dentro daquele contexto. Não me colocar dentro dessa história eu estaria negando a mim mesma e a este trabalho.

A estética escolhida para compor Raízes Crespas e dar sentido à sua caracterização é algo que Ramos explica como “estabelecer asserções sobre o mundo” (RAMOS, 2008, p. 25), no momento em que foram definidas quais características seriam trabalhadas, o conteúdo se assume como verdadeiro e a partir disso o restante foi sendo exercitado para que no final tivéssemos algo coeso. Entendo como composição da estética os seguintes elementos: presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de arquivos de imagens e a utilização sonora. Desse modo, estes elementos serviram como base para conseguir estabelecer essa asserção sobre o tema.

As referências que tenho sobre documentários tiveram um papel importante para instigar a minha curiosidade em trazer elementos visuais, textuais e fotográficos no meu

trabalho, pois criou-se uma percepção mais assertiva do que iria trabalhar. Com isso, as demais criações passaram a surgir por meio de referências, como, por exemplo, a minissérie *Elize Matsunaga: era uma vez um crime*, que apesar do temática e as características serem totalmente opostas, fez com que eu criasse um imaginário de acordo com o que eu estava planejando no momento. A maneira pela qual o roteiro da minissérie de Elize é conduzido com certeza foi algo a me inspirar, e também como a entrevista foi conduzida sem a interferência sonora e sem a imagem do repórter em que apenas o entrevistado é visto pelo espectador, algo que trouxe para o contexto da minha série documental.

A escolha por seguir um roteiro mais aberto surgiu da necessidade de criar algo de modo “livre” sem a necessidade de seguir um roteiro “fechado” com demandas a serem cumpridas. Sérgio Puccini argumenta que existem peculiaridades quanto a documentários, pois muitos deles são resolvidos na pós-produção, desse modo essa foi a maneira pela qual julguei trabalhar em meu documentário.

Outra peculiaridade do filme documentário, quanto a seu trabalho de roteirização, liga-se ao fato de muitos documentários serem “resolvidos” em sua fase de pós-produção. Aqui, a referência imediata recai mais sobre os filmes que apegam ao estilo do documentário direto. Nessa etapa, de pós-produção do filme, é comum recorrer-se à escrita de um roteiro que oriente a montagem. Esse roteiro será resultado de um trabalho de decupagem do material bruto de filmagem e terá sua função para orientar não mais diretor, atores ou produtor, mas unicamente o montador ou editor do filme [...] (PUCCINI, 2009. P. 16 e 17)

Com a escolha de trabalhar com um roteiro aberto, mais passível de mudanças, isso me gerou algumas dúvidas: se estava indo no caminho correto, pois, o que tinha como conhecimento de roteiro de documentário era algo fechado com as cenas pré-definidas. Apesar de escolher seguir uma estrutura oposta a essa, entendi que existem variadas maneiras de criar um roteiro e fazer com que as asserções do documentário possam ser vistas pelos espectadores. Puccini em seu livro *Roteiro de documentário, da pré-produção à pós produção*, traz uma explicação de Dwight Swain tirada do livro *Film scriptwriting* a respeito dessas possíveis diretrizes a serem seguidas em um documentário, que segundo ele: “... a produção de um filme documentário é guiada por leis internas próprias que variam de filme para filme ou mesmo de produtor para produtor, fato esse que obriga o roteirista a trabalhar com essa sobrevivência, essa coisa é a flexibilidade” (SWAIN apud. PUCCINI, 2009 p. 10) (Puccini, 2009, p. 25)

Levando em consideração que existem essas leis internas, em que cada produtor irá decidir como produzir o seu documentário, a ausência de um roteiro elaborado nas gravações

não foi caracterizado como um “erro”, mas sim como uma das várias formas de criação de um documentário.

É evidente que existem diversas maneiras de se construir um documentário, que não existe o certo e nem o errado. O que irá definir o modo de construção são as escolhas que irão guiar o diretor no processo criativo, fazendo com que se tenha uma produção no final como todas as outras: com início, sentido, meio e fim.

Existe sim uma dificuldade em se fazer documentário, afinal não é uma receita de bolo. Não é algo simples como parece, existem sim certas dificuldades a serem enfrentadas ao longo do processo criativo. Aliás, isso é algo também defendido por João Moreira Salles em seu livro *A dificuldade do documentário*, em que ele nos traz a perspectiva do que de fato é um documentário, dando como exemplo outros documentários, trazendo explicações e argumentando sobre eles. Uma parte interessante da leitura é quando é falado sobre o contrato com o espectador, e essa fala do autor diz muito sobre o que o espectador espera daquela produção. O diálogo passado através do documentário precisa ser algo que o espectador se conecte, para que esse contrato não seja perdido. O contrato defendido em *Raízes Crespas* é exatamente o da representatividade e o da união de mulheres negras para com seus corpos negros.

Ainda assim, em outro momento, João Moreira argumenta o que faz ou não um filme ser considerado documentário, e essa é a maneira como o espectador vê a produção, a forma como ele digere o conteúdo é primordial para acontecer essa percepção. Com a leitura, compreendi que para ser considerado um documentário ele precisa ter uma estrutura narrativa coesa, que faça sentido para o espectador.

O gênero documentário pode ser explicado e resumido de diversas maneiras, por diferentes autores, cada um dando o sentido e significado de acordo com as vivências e aprendizados ao longo do processo criativo. Vimos que cada um deles trouxe uma perspectiva e que todas elas fazem sentido pensando no trabalho elaborado. Cada documentário possui suas características e particularidades, e por mais que eu tenha me inspirado em autores, cineastas e documentaristas, o *Raízes Crespas* foi elaborado de uma maneira única.

A etapa da pré-produção obrigatoriamente necessita de uma pesquisa aprofundada sobre o assunto para que se possa iniciar as filmagens. Puccini fala que essa pesquisa irá servir como base para a pré-produção e não como um manual para realização das filmagens. A pesquisa servirá também para compreender as necessidades daquela produção, como, por exemplo, se irá precisar de estúdios com cenários, iluminação etc.

Na elaboração da pesquisa existem diversas etapas para que o produto final saia como esperado, e um passo essencial é entender e buscar aquilo que Alan Rosenthal chama de dramático, atraente e interessante: “Dentro dos limites de seu assunto, você deve tentar descobrir tudo aquilo que for dramático, atraente e interessante” (ROSENTHAL, 1996, p. 37). Para que a pesquisa seja satisfatória e o produtor consiga posteriormente passar ao espectador aquilo que ele deseja, Rosenthal apresenta quatro tópicos a serem seguidos:

1. Material impresso;
2. Material de arquivo (filmes, fotos arquivos de som)
3. Entrevistas;
4. Pesquisa de campo nas locações de filmagem (ROSENTHAL, 1996, p. 37)

Seguindo estas quatro etapas, envolvendo leituras, aproximação com fontes, visitando sets de filmagens, idealizando os modos de filmagens, coletando arquivos e fazendo os demais requisitos solicitados na pesquisa, o documentarista irá conseguir um bom resultado na sua produção audiovisual.

As pré-entrevistas são de fato essenciais para se criar uma certa confiança com a fonte, para que ela se sinta confortável e também para que o resultado esperado nas gravações seja alcançado. Serve também para fornecer informações que ainda o produtor não possui conhecimento, ver como o entrevistado verbaliza e interage.

Do mesmo modo que a pré-entrevista pode beneficiar a produção, ela pode também gerar transtornos indesejáveis: o entrevistado pode vir a desistir da entrevista, pode gerar expectativa da participação na produção, ou até mesmo como Puccini argumenta:

Outra consequência dessa estratégia é que, já na primeira entrevista, cria-se um código de comunicação entre documentarista e entrevistado que, apesar de servir aos propósitos da pré-produção não está necessariamente vinculado ao momento da filmagem, é o caso do típico “como eu já havia dito antes...” em que o entrevistado faz referência a essa primeira conversa se esquecendo que também está falando para os futuros espectadores do filme que ainda não possuem conhecimento do teor dessa conversa. (PUCCINI, 2009, p. 182)

Conhecer e entender os locais de filmagem é essencial para qualquer produção audiovisual para que não haja imprevistos ou até mesmo problemas técnicos. Entender quais materiais serão utilizados também é essencial, quais câmeras serão usadas, quais microfones serão colocados para uso, terá cenários ou não, tudo isso é essencial nesta etapa para uma perfeita elaboração da pré-pesquisa.

3. SURTOS LEVES E TÊNIS - QUANDO A FILHA CHORA E A MÃE NÃO VÊ

Idealizar este produto me gerou muitas dúvidas, incertezas, medos e angústias, tudo isso girando em torno de um bloqueio que me fazia ficar dias sem querer olhar para o meu trabalho de conclusão de curso, isso porque este é um tema muito sensível para mim. Mas desde o início quando me propus a trabalhar tal empreitada sabia da sua importância e que deveria levá-lo até o final. Apesar desses sentimentos, venci essa angústia que sentia, então o trabalho foi tomando forma e pude construir um material com a minha personalidade.

Nas primeiras semanas a ideia que vinha era uma só: "Quero fazer um documentário para falar sobre Big Chop", a ideia inicial era essa, mas ao longo do tempo fui percebendo que estava misturando vários assuntos sem definir um foco específico para discutir. Isso precisava ser definido o quanto antes, pois o tempo estava passando. Depois de ler cuidadosamente todo o material que já havia produzido e as considerações feitas na banquinha do TCC 1, reformulei a ideia para que o foco do trabalho fosse o cabelo crespo em âmbito geral, ou seja, tudo aquilo que o cabelo crespo nos condiciona, então aí nasceu o "Raízes Crespas" ou melhor, posso dizer que "Raízes Crespas" nasceu no dia 8 de janeiro de 1998.

Em alguns momentos deste memorial citei que esse é um assunto sensível para mim, isso é fato. Por muitos anos neguei quem eu era, neguei todas as minhas raízes. Então trazer essa pauta para discussão na Universidade foi significativo e importante para a construção de quem eu sou. Esse tema fez e continua fazendo parte da minha construção enquanto mulher negra.

Tirar um produto audiovisual do zero para quem nunca teve nenhum tipo de experiência é loucura. Não sabia quantos episódios iriam ter, como iria elaborar os roteiros, como seria a escolha das fontes, e dentre outras escolhas. Então, no início, tudo era uma incógnita que precisava ser resolvida. O "ponta pé" inicial se deu no momento em que listei possíveis temáticas que poderiam ser abordadas no documentário e que pudessem ser trabalhadas com maior profundidade, criando-se então um contexto coeso referente ao assunto.

Desse modo, listei alguns pontos que julguei necessário abordar: o que havia de semelhante nessas mulheres ao terem realizado algum procedimento estético capilar? Talvez não existisse nenhuma semelhança, mas precisava colocar à mostra o que as motivou, quais foram as circunstâncias que as levaram a essa condição, seja do alisamento ou não. Outro ponto que levei em consideração e, talvez, seja a peça chave do trabalho, era de mostrar o que o racismo desencadeou na vida dessas mulheres negras e também de abordar como o racismo se deu ao longo da vida de cada mulher entrevistada.

Apesar de ter listado estes pontos, ainda era necessário elencar mais sentidos que completassem a obra por inteiro: quem seriam as entrevistadas? Quantos anos elas precisariam ter para participar das entrevistas? Quais seriam suas características? E várias outras perguntas foram surgindo naturalmente. Tudo isso foi sendo debatido internamente comigo mesma, e assim cheguei a uma decisão que fazia sentido para aquilo que estava propondo, unindo as minhas ideias com as sugestões do orientador.

Definidos o tema e as questões a serem abordadas, optei por dividir a produção do trabalho em etapas para que eu não me perdesse nelas. Comecei definindo as possíveis temáticas que gostaria de abordar e que fossem coesas ao que estava propondo; após isso, direcionei a minha atenção na escolha das fontes, pois isso era essencial. Em um primeiro momento, na escolha das fontes, o único critério era que elas fossem mulheres negras e que tivessem passado por transição capilar, Big Chop, ou alisamento. No decorrer do trabalho junto com o orientador, foi recomendado um tipo de “filtro” dessas fontes, desse modo, então, foi definido que as fontes deveriam ter diferentes faixas etárias para trazer uma narrativa diferente em cada episódio e também foi algo essencial para termos diferentes perspectivas sobre o assunto principal que estávamos abordando. Desse modo, optei que a série documental iria ter mulheres de 20 a 25 anos, 30 a 35 anos, e 50 a 55 anos.

Após definir essas questões, almejei produzir três episódios em que pudesse transpassar as questões que vinha trabalhando no decorrer deste memorial para que ambos estivessem andando lado a lado, um sendo coerente com a outra parte do trabalho. Afinal, os dois eram essenciais para a defesa da pesquisa: o memorial refletido no produto, e o produto refletido no memorial.

No decorrer da produção foi definido que as entrevistas para a série documental fossem feitas tendo as fontes como protagonistas, a minha imagem e voz não iriam aparecer em momento algum; então, julguei necessário que a minha produção seguisse nessa proposição.

Com a definição das faixas etárias das fontes, as temáticas a serem abordadas e o número de episódios, decidi que cada episódio teria a duração aproximada de 10 minutos, podendo se exceder até 15 minutos, considerando vinheta e créditos. Por meio de uma série de perguntas a serem feitas para as fontes criei um roteiro para que pudesse ser seguido e que fosse coerente com o que estava querendo passar para quem fosse assistir.

3.2 AS ENTREVISTADAS

Desde o início sabia que o trabalho iria girar em torno de mulheres, inclusive esse foi um questionamento de um professor durante o projeto inicial na disciplina JOR245 - Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação, porque retratar somente a história de mulheres negras e não abrir o leque para homens? Para mim era claro, mas, talvez, para outras pessoas isso precisaria ser explicado. Afinal, as vivências entre uma mulher negra e o homem negro são diferentes. O homem não passa pelos mesmos conflitos que uma mulher, não é julgado pela sua cor, pelo seu cabelo e suas características negróides. Alíás são os próprios homens — aqui de modo geral (brancos e negros), que menosprezam as mulheres negras e incitam o ódio a seus corpos negros e suas particularidades fenóticas, fazendo com que cenas constrangedoras e racistas aconteçam de modo recorrente.

Após defender e explicar o motivo da escolha das entrevistadas, era hora de ir atrás delas. Mas como iria chegar até as possíveis fontes? Como seria a abordagem? Precisava colocar o *check* nesta tarefa, pois sem fonte o produto não saia do papel. Em um primeiro momento, conversando com uma amiga sobre o trabalho e contando o que estava tentando passar sobre a minha percepção do tema, aconteceu um *match* muito instantâneo de percepções parecidas. Conversa vai, conversa vem, tive a minha primeira entrevista do TCC sem ao menos rotular que aquilo que estava acontecendo no momento era uma entrevista. E foi nesta conversa informal e despreziosa que a primeira entrevistada foi definida. Tive a certeza que a primeira fonte seria ela, sem sombra de dúvidas.

Júlia Adrielle Santana, uma pessoa que eu criei uma aproximação muito boa durante as aulas remotas na pandemia e que, em pouco tempo, criamos uma conexão muito genuína e com muitas trocas, e que até hoje se mantém firme e forte. Posso dizer que a nossa primeira conversa informal sobre o trabalho foi muito importante para mim, isso porque me encorajou a falar de um assunto considerado delicado para várias outras mulheres, e, mais do que isso, entendeu e trouxe o seu ponto de vista muito parecido com tudo o que eu estava tentando afirmar em um simples esboço de pesquisa.

Desde cedo nas disciplinas do curso ouvia de professores que não era interessante entrevistar amigos e familiares para qualquer trabalho, pois nem sempre a nossa expectativa será atingida. E eu também tinha essa certeza, pois já tive experiências nada agradáveis. Mas, por incrível que pareça, com a Júlia eu não tinha a indisposição de entrevistá-la por ser minha amiga. Ao contrário disso, por ser minha amiga e por ela ter vivido experiências parecidas, sentia que ela seria uma peça fundamental no meu trabalho. Sentia que as trocas durante as gravações seriam muito proveitosas, e posso afirmar que foi mesmo.

No início de toda a produção em 2022, estávamos cursando as mesmas disciplinas do jornalismo, e por isso era comum eu compartilhar o passo a passo que o trabalho estava ganhando, e eu achava isso um máximo, porque tinha ali alguém que estava me apoiando desde o início e que, além disso, topou participar da minissérie documental logo de cara. Quer coisa mais animadora do que nossos amigos nos apoiando? É um sentimento sensacional.

“Mas afinal, Yasmin, porque ela foi escolhida e não outra pessoa? Explique para além da amizade”. Calma, já vou chegar nessa parte agora. Quando conversamos, ela tinha me dito que, em 2017, começou a ver na mídia meninas negras usando os cabelos naturais. Nessa época, muitas empresas de cosméticos começaram a investir em produtos denominados como “naturais”, visando produzir produtos para os cabelos crespos e cacheados para o público negro, o que contribuiu para que ela tomasse alguma decisão sobre o seu cabelo. Em seu relato, ela fala que, em 2019, ano em que ingressou na UFOP, mudando-se da cidade de Viçosa-MG para Ouro Preto-MG, decidiu que não iria mais usar o cabelo escovado. Ela iria tentar usá-lo natural (sem químicas ou alisamentos), e neste momento as suas decisões foram sendo conduzidas a uma atitude que eu, Yasmin, acho muito significativa. Logo em maio do mesmo ano, ela realizou o Big Chop, e com isto ela passou a perceber como as coisas foram mudando, principalmente os olhares. Mas, apesar disso, passou a se reconhecer como mulher negra. Inclusive, ela faz um apontamento muito importante sobre o processo em que ela viveu:

Foi um processo lindo, mas doloroso, pois quando estava com o cabelo liso era 'bem aceita', me sentia pertencente a um grupo, era como se o cabelo liso fosse um passaporte de pertencimento [...] Usar o cabelo cacheado reafirma minha negritude e a minha potência enquanto mulher negra, o que é muito importante para mim.

Ouvir esse relato foi tão marcante para mim, pois vi que apesar de termos vivido infâncias diferentes, estarmos localizadas em cidades diferentes e termos vivido diferentes realidades, as percepções sobre o cabelo crespo eram quase as mesmas. Por isso afirmei sobre o tal *match*, e por isso ela foi escolhida para ser a primeira entrevistada.

A escolha das outras entrevistadas foi um pouquinho diferente e cheio de particularidades, pois se antes havia uma proximidade, com as outras duas fontes não havia nenhum tipo de vínculo afetivo que justificasse de uma maneira tão grandiosa a escolha. Jornalista quando quer arrumar fonte faz de tudo, corre atrás nas plataformas, pede ajuda para outros amigos jornalistas e assim eu fiz. Como dizem “quem tem boca vai a Roma” — sim, eu sei que o ditado é “quem tem boca vaia Roma”, mas está permitido falar errado uma vez ou outra ok? Fui atrás de indicações de fontes, fiz até um *card* para divulgar a procura pela fonte (enfim, a jornalista dedicada), pois entendi que estava havendo um receio por parte de

algumas mulheres. E quem sabe que através de uma arte com chamada, despertasse mais a atenção e o desejo? E isso funcionou, rapidamente apareceram diversas pessoas me ajudando, compartilhando a imagem e fazendo com que o círculo de possíveis entrevistadas fosse aumentando gradativamente.

Apesar da grande procura de pessoas interessadas em participar, eu precisava apenas de duas mulheres. Por fim, quais foram os critérios de avaliação, uma vez que havia chegado até mim várias pessoas? A faixa etária foi fundamental para isso, pois serviu como etapa eliminatória e fez com que eu chegasse nas duas últimas mulheres que estavam faltando. Mas ok, bora lá.

Pelo segundo episódio retratar sobre o empoderamento negro, eu já vinha pensando em uma personagem que conseguiria passar para o espectador aquilo que eu estava propondo. Maria Cristina Xavier (Tina) é uma empresária da cidade de Mariana-MG que possui um salão de beleza totalmente focado em cabelo crespo. Antes, quando eu nem sonhava com o TCC eu já tinha realizado procedimentos no meu cabelo em seu salão, e nela eu via uma mulher muito empoderada e cheia de si.

Desse modo, vi nela a personagem perfeita para falar sobre esse tema. Inclusive no dia da gravação do segundo episódio ela estava bem tensa e eu, com toda sinceridade, para quebrar o gelo, disse que aquele episódio foi pensado nela, e de fato foi. Empreender na cidade de Mariana é algo totalmente desafiador, pois o setor de comércio e serviços é dominado pelo controle de famílias tradicionais marianenses que possuem bens e privilégios, e falo isso com conhecimento de causa, por ser marianense. Empreender na cidade de Mariana sendo mulher negra e pobre se torna ainda mais difícil, desta forma, considere a sua presença importante na minissérie. A potência de uma mulher negra que decide investir em um salão focado para mulheres negras merece ser evidenciado, uma vez que a grande maioria dos salões da cidade são voltados para a química e os alisamentos.

É até engraçado falar sobre isso, porque anos atrás assisti à série baseada em fatos reais “A vida e a História de Madam C. J. Walker”, vinculada na Netflix, que fala exatamente sobre uma mulher pobre e negra que decide reinventar o mercado cabeleireiro com seus produtos naturais para cabelos crespos, criando seu próprio salão de beleza. De modo sucinto, Madam C. J. Walker promove de maneira muito bonita a aceitação de outras mulheres negras para com seus cabelos crespos, convencendo-as de que o cabelo crespo pode sim ser considerado bonito e que, além disso, podem e devem se sentirem bonitas e desejadas. Entrelaço essa série muito na percepção de vida e história de Tina: igual Madam Walker ela promove a aceitação por meio do cuidado capilar de outras mulheres negras.



Imagem 5: Trailer - A Vida e a História de Madam C.J. Walker.⁹

Voltando a falar sobre o uso das redes sociais para buscar possíveis entrevistadas, utilizei da *corrente do bem* para encontrar a terceira entrevistada. E deu muito bom! As coisas estavam fluindo de uma maneira tão interessante que eu fiquei mega entusiasmada a todo momento. O contato da entrevistada do último episódio “Para além do cabelo” foi uma escolha certa, pois consegui fechar com maestria tudo o que havia proposto. Este contato veio através de uma colega de um outro curso da UFOP. Mas, por fim, quem era? Vânia Liberato é uma mulher de 52 anos, marianense, faxineira e estudante de serviço social na UFOP. Não a conhecia e nunca tive nenhum contato com ela, ao contrário das outras duas mulheres, mas houve no nosso primeiro contato pelo Whatsapp uma troca muito bonita. Conversamos um pouco sobre o trabalho, expliquei o que estava fazendo e logo de cara ela topou e, prontamente, me ajudou com outras possíveis fontes. No entanto, avisei a ela que já havia encontrado.

Se com as outras fontes existia um conhecimento sobre quem eram, com essa eu não sabia absolutamente nada, a não ser o que ela me permitiu saber. Seu nome, sua idade e que há muitos anos usa o cabelo totalmente natural, sem químicas. Parece ser pouco, mas tudo foi resolvido em nossa entrevista, ela me permitiu conhecê-la por meio das minhas perguntas.

Sempre falo que o jornalismo me proporciona um mundo de possibilidades boas, e digo com convicção que essa foi uma das minhas melhores experiências da vida adulta, porque é pela profissão que consigo contar e dar voz a histórias significativas e com um peso enorme para a sociedade. A meu ver, os três episódios se unem de uma maneira simples, mas significativa, criando uma importância: a união de histórias reais que se interligam em um único assunto, o cabelo.

⁹ Trailer A Vida e a História de Madam C.J. Walker. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PxAqHbloM>

3.3 AS ESCOLHAS VISUAIS DO TRABALHO

Inicialmente, toda a estrutura visual do produto foi pensada de uma outra maneira, trazendo elementos que mostrassem a sensação para o espectador que o tema era, categoricamente, sobre o cabelo crespo, e isso me incomodou. Como eu iria retratar sobre o cabelo crespo sem usar elementos que trouxessem essa ideia de pertencimento? Como falar sobre cabelo crespo sem ao menos usar a estética negra pensando nos tais elementos? Esses apontamentos chegaram a tempo e consegui mudar toda a estética, reformulando a capa de entrada da vinheta, identidade visual do Raízes Crespas - do início dos episódios e dos finais -, e os *cards* que serviam de apoio para acompanhar possíveis imagens com offs.

A ideia da vinheta de usar o efeito de máquina de escrever em uma tela preta foi para causar impacto do que estava por vir a seguir. Não era apenas um efeito escolhido a cegas, queria impactar positivamente a todos que viriam a assistir a minissérie com uma forma, talvez, dramática, para chamar a atenção. Aqui, o mesmo se aplica para as chamadas dos episódios, mas existe apenas uma pequena diferenciação entre a vinheta principal e a entrada dos nomes dos “capítulos”. O efeito sonoro também cria um imaginário para quem está assistindo: o que está por vir, a tensão etc. E era essa a percepção que queria que as pessoas tivessem ao verem e ouvirem cada início dos episódios.

Por outro lado, se no início queria causar tensão a fim de travar a atenção das pessoas, na primeira identidade visual da capa de Raízes Crespas, a intenção era para além de evidenciar o nome da minissérie, mas também de mostrar quais raízes estão sendo retratadas, e nada melhor do que usar uma foto de um cabelo crespo para exemplificar o argumento que estava mostrando a todos. A imagem utilizada é do banco de imagens da plataforma Canva em que criei a arte, e na imagem podemos perceber uma mão de uma outra pessoa negra penteando o cabelo, evidenciando os cuidados com o cabelo crespo.

Em todas as artes utilizei de elementos conhecidos como “étnicos”, ou melhor, busquei utilizar elementos que remetessem a itens africanos, como é o caso das figuras geométricas que acompanham a maioria das artes. Essas figuras geométricas são marcas visuais vinculadas a aspectos culturais dos povos africanos. Por meio de uma simples pesquisa ao Google descobri que dizer “estampas étnicas” é considerado errado, pois isso estaria dando a entender que foi criada por um grupo de pessoas que partilham de uma mesma cultura. No entanto, em se tratando do continente africano, que é enorme e possui diversos países e culturas, resumir apenas a ideia de estampa isso é considerado raso. Pois então, o que

chamamos de “estampas étnicas ou estampas africanas” nada mais é que tecidos, técnicas, tribos e etnias dos diversos países da África.

As cores também foram pensadas estrategicamente: como se estava falando da pele negra, por que não usar a nossa própria cor na paleta de cores? Para mim, essa foi a cartada final, deu um sentido único. Além disso, tornou-se coeso com o que estava propondo, criando harmonia entre as demais escolhas. Em algumas imagens, é possível perceber um punho cerrado no canto inferior direito, que foi utilizado como forma de posicionamento e resistência.

Apesar de já ter feito uma identidade visual com o nome da minissérie, foi proposta uma nova identidade para fechar todos os três episódios. Desse modo, propus trazer as fotos das entrevistadas e, para completar o campo de visão da arte, usei também imagens de mulheres negras de banco de imagens. Quando estava elaborando essa capa me senti na obrigação de colocar fotos minhas em momentos diferentes do meu cabelo e, além disso, em momentos diferentes da minha vida. Usar as minhas fotos nesta capa vem na mesma lógica que venho trazendo aqui, este trabalho tem muito de mim, eu me vi em cada episódio, em cada resposta dada, em cada segurada de choro das fontes eu também segurei o choro. Cada foto minha exposta tem um significado muito especial: 1º foto - fazia um mês que tinha feito o Big Chop (agosto de 2017 foi feito o corte), estava no auge da minha autoestima com o cabelo curtinho cheio de cachinhos; 2º foto - com o cabelo já maior, passados dois anos desde o corte entrei na UFOP e é justamente essa a foto da minha carteirinha e ela tem um significado muito importante devido a essa conquista; por último a 3º foto - Foto de 2022 quando comecei a fazer o TCC (2022) e, por incrível que pareça, passei a dar mais valor ao meu cabelo e a minha história. As três fotos trazem uma perspectiva diferente de quem eu fui e sou, e mostrar isso neste trabalho foi fundamental.

O primeiro episódio foi gravado entre meados de setembro a outubro de 2022, naquela época as ideias eram diferentes, por isso a estética da gravação está distinta dos demais episódios, que foram gravados entre janeiro e fevereiro de 2023. No primeiro episódio, a estética era apresentar um local com fundo preto, em que a fonte estivesse mais destacada, utilizando-se também uma luz cênica improvisada, a ideia era de trazer uma ótica glamourizada do espaço. Entretanto, no decorrer das outras gravações, entendi que, para o que eu estava propondo, aquele cenário não seria o ideal. Se o foco era o cabelo, ele não estava sendo evidenciado, pois a luz jogada em seu rosto ainda estava pouca, poderia até estar sendo visível, mas não estava explícita, algo que foi sugerido durante a banquinha do TCC 1 pela convidada, Evelin Ramos.

As outras gravações se iniciaram e alterei toda a estética do cenário do estúdio. Se antes usei um fundo totalmente preto com luz cênica, nos dois episódios seguintes passei a usar o fundo verde, para aplicar o efeito de *chroma key*, e intensifiquei a luminosidade de frente a entrevistada. Isso para trazer mais destaque ao rosto e ao cabelo da fonte. Intensificar a iluminação de frente a fonte foi importante para o espectador ver os traços físicos de cada entrevistada, e também correlacionar com o que estava sendo falado.

Por ter alterado a estética visual nos dois últimos episódios, quis utilizar do fundo *chroma key* para criar diferentes ambientes que ornasse com cada entrevistada. Desse modo escolhi duas imagens que tivessem o fundo com o efeito desfocado. A ideia deveria ir para além da estética visual, utilizei uma imagem no episódio 2 que se assemelhasse a Tina. A imagem que tenho dela é de uma mulher muito comunicativa, cheia de histórias boas para contar e que possui uma marca única de personalidade; assim, a imagem, que aparentemente talvez seja uma árvore Ipê, foi utilizada para dar mais força a personalidade de Tina e a todo o seu relato. O Ipê é uma árvore muito imponente, que se destaca entre as outras devido as suas cores vibrantes e também com toda a sua beleza, e é exatamente isso que Tina representa para as suas clientes em seu salão: uma mulher de potência grandiosa, assim como o Ipê.

A escolha da última imagem do terceiro episódio me gerou muitas dúvidas, porque diferentemente das outras entrevistadas, eu não a conhecia direito, não tinha nenhum pré-julgamento sobre sua personalidade. A minha percepção de quem era de fato a Vânia se deu no momento da gravação: uma mulher doce, carinhosa e muito comunicativa. Mas, apesar disso, é uma mulher que guarda muitas coisas vividas, afinal Vânia era a mais velha das mulheres, o que obviamente a fazia ter muitas marcas e histórias da vida. Sabe quando olhamos no fundo do olho de alguém e imaginamos uma sucessão de pensamentos profundos? Era essa a sensação que Vânia me transmitia, uma mulher que passou por muitas coisas na vida e que, mesmo assim, segue firme em seu propósito. Diante dessa minha percepção positiva, pensamentos me fizeram escolher o fundo de imagem “fechado” com cores puxadas para o frio, dando a sensação de algo mais reservado.

Os dois últimos episódios seguem nesta aposta estética com fundos diferentes, mas apenas o primeiro se manteve como havia feito, sem nenhum tipo de fundo. As únicas características que foram alteradas foram as identidades visuais. Com o trabalho todo alterado, logo no final de toda a produção não havia hipótese de regravar o primeiro episódio com a Júlia, o que poderia ser facilmente resolvido; no entanto, entendi que regravando o episódio ele não teria a mesma emoção e entrega, por mais que as perguntas fossem as mesmas. Se caso fosse repetir a gravação, nada sairia como estava, acredito e defendo que as

emoções vivenciadas naquele momento não poderiam ser repetidas com exatidão. Afinal, o que estava fazendo era documentário e não uma dramaturgia. O ‘fetiche’ da produção do documentário para mim foi extrair essas emoções que foram únicas.

3.4 AS ESCOLHAS SONORAS

Sou uma pessoa apaixonada por música em que a todo momento fazendo o trabalho ouvia algo, e isso acabava me dando um gás a mais. Isso para mim é muito bom, porque consigo me inspirar pelas músicas a escrever, então elas possuem um papel importantíssimo na construção do trabalho. Para além disso, as escolhas sonoras que acompanharam todos os episódios são muito marcantes e essenciais onde se fazem presentes.

No início da vinheta é apresentado um trecho retirado do poema “Milionário do Sonho”, feito pela atriz Elisa Lucinda, recitado por ela e o cantor Emicida em meados de 2013:

Tendo um cabelo tão bom, cheio de cacho em movimento, cheio de armação, emaranhado, crespura e bom comportamento, grito bem alto, sim? Qual foi o idiota que concluiu que o meu cabelo é ruim? Qual foi otário equivocado que decidiu estar errado o meu cabelo enrolado? Ruim pra quê? Ruim pra quem? Infeliz do povo que não sabe de onde vem!

Esse trecho em específico, além de ser pontual em seu sentido de se tornar um questionamento para uma pessoa racista, traz também uma percepção de consciência do corpo negro, tornando-se uma das formas de se posicionar e se mostrar presente. Desse modo, não havia trilha sonora melhor para representar o início da minha produção audiovisual.

A representatividade que desde o início discuto no trabalho também foi importante para as escolhas, pois é com artistas negros que escolhi representar a parte sonora do produto. Nada mais justo que evidenciar o trabalho de um povo que há muito tempo luta para conseguir o reconhecimento.

O que não é diferente na música utilizada durante os créditos finais de Tássia Reis, Preta D+, em que desde a primeira vez que a ouvi senti a potência e a necessidade de coloca-lá em alguma parte do trabalho pois a música fala de tudo um pouco que eu trouxe ao longo do memorial e das conversas tidas com as fontes:

Vocês me disseram que não poderiam me contratar, porque minha aparência divergia do padrão (que padrão?). Que eu era até legal, mas meu cabelo era crespo demais (crespo demais). Talvez alisar seria uma solução: Não, não, não Não, não, não, não. Que eu tinha que me enxergar, porque toda moça preta demais, preta demais sabe que o seu destino é limpar chão (Chão!). A gente pode se pegar, mas, ó você cria expectativa demais (Cria demais) Além do mais, eu amo a Becky do cabelo bom...

A percepção de Tássia sobre o cabelo crespo foi tudo o que eu coloquei aqui, desde a rejeição amorosa até a própria aceitação, e escolher essa música fez muito sentido para o trabalho. Em uma parte final da música, que não consta em nenhum trecho dos episódios, ela fala as seguinte palavras:

Palavras cortam como facas. Dizem que a carne é fraca, por isso eu sinto tanta dor? E apesar de tantos tapas dizem que aquilo que não mata fortalece o sofredor. O mundo tem que melhorar. Eu já mudei minha percepção, agora eu sou preta demais. Mas, não na sua conotação.

Essa parte é muito especial para mim, porque me senti representada, que apesar de apanhar das palavras e de todo racismo sofrido por anos, os tapas e palavras foram sendo ressignificados e, como ela fala, fortalecendo o sofredor; para além disso, a mudança de percepção que sua pele preta é vista com outros olhares, olhares de amor e carinho. É evidente que as escolhas sonoras foram impactantes para o trabalho, e isso se deu devido ao peso que este tema carrega, o uso das duas músicas foram essenciais para a construção do Raízes Crespas.

3.5 ROTEIROS

Episódio 1: RECONHECIMENTO			
Entrevistada: Júlia Adrielle Coelho Santana, 25 anos, graduanda em jornalismo - Ufop			
SEQUÊNCIA	VÍDEO	TEMPO	ÁUDIO
1	Vinheta introdução parte 1	0' a 00:19:16	Elisa Lucinda part. Emicida - Milionário do sonho
2	Vinheta 2 Raízes Crespas	00:19:24 a 00:27:23	Elisa Lucinda part. Emicida - Milionário do sonho
3	Entrada do nome do episódio	00:27:24 a 00:35:21	Som de máquina de escrever
4	Cena 1 Júlia - 00000(1).MTS	00:35:22 a 00:42:00	Áudio captado pelo microfone
5	Lower third	00:37:06 a 00:44:25	Sem áudio

6	Cena 2 Júlia - 00000(1).MTS	00:42:01 a 00:59:20	Áudio captado pelo microfone
7	Cena 3 Júlia - 00000(1).MTS	00:59:21 a 00:01:40:02	Áudio captado pelo microfone
8	Cena 4 Júlia - 00000(1).MTS	00:01:40:03 a 00:02:32:16	Áudio captado pelo microfone
9	Cena 5 Júlia - 00000(1).MTS	00:02:32:17 a 00:03:11:21	Áudio captado pelo microfone
10	Cena 6 Júlia - 00000(1).MTS	00:03:11:22 a 00:03:27:28	Áudio captado pelo microfone
11	Cena 7 Júlia - 00000(1).MTS	00:03:27:29 a 00:04:00:23	Áudio captado pelo microfone
12	Cena 8 Júlia - 00000(1).MTS	00:04:00:24 a 00:04:38:15	Áudio captado pelo microfone
13	Cena 9 Júlia - 00000(1).MTS	00:04:38:16 a 00:05:13:20	Áudio captado pelo microfone
14	Cena 10 Júlia - 00000(1).MTS	00:05:13:21 a 00:05:54:08	Áudio captado pelo microfone
15	Cena 11 Júlia - 00000(1).MTS	00:05:54:09 a 00:06:29:20	Áudio captado pelo microfone
16	Cena 11 Júlia - 00000(1).MTS	00:06:29:21 a 00:07:15:02	Áudio captado pelo microfone
17	Cena 11 Júlia - 00000(1).MTS	00:07:15:03 a 00:07:55:24	Áudio captado pelo microfone
18	Cena 11 Júlia - 00000(1).MTS	00:07:55:25 a 00:08:49:20	Áudio captado pelo microfone
19	Foto de Júlia criança	00:08:07:09 a 00:08:21:11	Áudio captado pelo microfone enquanto está no off
20	Sobe os créditos finais	00:08:49:21 a 00:09:46:08	Tássia Reis - Preta D+
21	Segunda vinheta com a identidade visual de Raízes Crespas com imagens das entrevistadas,	00:09:46:09 a 00:09:54:07	Tássia Reis - Preta D+

	fotos de banco de imagens e fotos minhas		
22	Imagem da identidade visual da UFOP	00:09:54:09 a 00:10:04:24	Tássia Reis - Preta D+

PERGUNTAS FEITAS NA ENTREVISTA:

- 1) Com quantos anos você começou a alisar o seu cabelo?
- 2) Quando e porque decidiu parar o alisamento?
- 3) Como foi pra você o redescobrimto do seu cabelo crespo?
- 4) Na infância, como você lidava com o seu cabelo?
- 5) Houve momentos que sofreu racismo por conta do seu cabelo?
- 6) Como era pra você antes de assumir seu cabelo crespo e como foi depois de assumir?
- 7) Como os referenciais estéticos puderam intensificar e colaborar na sua identificação como uma mulher negra?
- 8) Nos espaços que você frequenta como você é vista?
- 9) Como você se vê como mulher negra?
- 10) Houve afeto na sua aceitação do cabelo?
- 11) Como era a sua autoestima antes do BC e como ela está após o BC?
- 12) Qual memória da sua infância com seu cabelo é especial para você? Conte sobre ela.

Episódio 2: EMPODERAMENTO NEGRO

Entrevistada: Maria Cristina Xavier (Tina), 32 anos, empresária.

SEQUÊNCIA	IMAGEM	TEMPO	ÁUDIO
1	Vinheta 1 - introdução	0' a 00:19:16	Elisa Lucinda part. Emicida - Milionário do sonho
2	Vinheta 2 - Raízes Crespas	00:19:18 a 00:27:17	Elisa Lucinda part. Emicida - Milionário do sonho
3	Entrada do nome do episódio	00:27:19 a 00:35:16	Som de máquina de escrever

4	Cena 1 Tina - 00005.MTS	00:35:19 a 00:04:32:21	Áudio captado pelo microfone
5	Lower third	00:38:00 a 00:45:11	Sem áudio
6	Cena 2 Tina - 00005.MTS	00:04:32:22 a 00:05:34:25	Áudio captado pelo microfone
7	Cena 3 Tina - 00005.MTS	00:05:34:26 a 00:06:30:11	Áudio captado pelo microfone
8	Cena 4 Tina - 00005.MTS	00:06:30:12 a 00:09:04:25	Áudio captado pelo microfone
9	Cena 5 Tina - 00005.MTS	00:09:04:26 a 00:09:42:29	Áudio captado pelo microfone
10	Cena 6 Tina - 00005.MTS	00:09:43:00 a 00:11:14:00	Áudio captado pelo microfone
11	Cena 7 Tina - 00006.MTS	00:11:14:01 a 00:12:53:27	Áudio captado pelo microfone
12	Cena 8 Tina - 00006.MTS	00:12:53:28 a 00:13:06:21	Áudio captado pelo microfone
13	Sobe créditos finais	00:13:06:22 a 00:14:11:27	Tássia Reis - Preta D+
14	Segunda vinheta com a identidade visual de Raízes Crespas com imagens das entrevistadas, fotos de banco de imagens e fotos minhas	00:14:11:28 a 00:14:19:27	Tássia Reis - Preta D+

15	Imagem da identidade visual da UFOP	00:14:19:28 a 00:14:29:26	Tássia Reis - Preta D+
PERGUNTAS FEITAS NA ENTREVISTA:			
<ol style="list-style-type: none"> 1) Tina, qual é a história com seu cabelo? 2) Como você considera a construção do seu empoderamento negro? 3) Você disse que está desconstruindo algumas coisas do passado. Quais são essas coisas? 4) Como você se vê hoje como mulher negra? 5) O que o seu cabelo diz sobre você no pessoal e no profissional? 6) Você já pensou como as suas escolhas servem para apoio e potência para outras mulheres negras? 7) Me fale de um momento feliz com o seu cabelo. 			

Episódio 3: PARA ALÉM DO CABELO			
Entrevistada: Vânia do Carmo Liberato Ferreira, 52 anos, auxiliar de serviços gerais e graduanda em serviço social - Ufop			
SEQUÊNCIA	IMAGEM	TEMPO	ÁUDIO
1	Vinheta 1 - introdução	0' a 00:19:17	Elisa Lucinda part. Emicida - Milionário do sonho
2	Vinheta 2 - Raízes Crespas	00:19:19 a 00:27:17	Elisa Lucinda part. Emicida - Milionário do sonho
3	Entrada do nome do episódio	00:27:18 a 00:34:04	Som de máquina de escrever
4	Cena 1 Vânia - 00001.MTS	00:34:05 a 00:02:26:27	Áudio captado pelo microfone
5	Lower third	00:36:01 a 00:43:29	Áudio captado pelo microfone
6	Cena 2 Vânia -	00:02:26:28 a	Áudio captado pelo microfone

	00001.MTS	00:04:23:14	
7	Cena 3 Vânia - 00001.MTS	00:04:23:15 a 00:04:43:13	Áudio captado pelo microfone
8	Cena 4 Vânia - 00001.MTS	00:04:43:14 a 00:06:17:10	Áudio captado pelo microfone
9	Cena 5 Vânia - 00001.MTS	00:06:17:11 a 00:06:46:02	Áudio captado pelo microfone
10	Cena 6 Vânia - 00001.MTS	00:06:46:03 a 00:07:15:18	Áudio captado pelo microfone
11	Cena 7 Vânia - 00001.MTS	00:07:15:21 a 00:07:19:19	Áudio captado pelo microfone
12	Cena 7 Vânia - 00001.MTS	00:07:19:21 a 00:07:52:11	Áudio captado pelo microfone
13	Cena 8 Vânia - 00001.MTS	00:07:52:12 a 00:08:24:02	Áudio captado pelo microfone
14	Cena 9 Vânia - 00001.MTS	00:08:24:03 a 00:08:27:12	Áudio captado pelo microfone
15	Cena 10 Vânia - 00001.MTS	00:08:27:13 a 00:09:16:27	Áudio captado pelo microfone
16	Sobe créditos finais	00:09:16:28 a 00:10:29:21	Tássia Reis - Preta D+
17	Segunda vinheta com a identidade visual de Raízes Crespas com imagens das entrevistadas, fotos de banco de imagens e fotos minhas	00:10:19:22 a 00:10:27:20	Tássia Reis - Preta D+
18	Imagem da identidade visual da UFOP	00:10:27:22 a 00:10:36:27	Tássia Reis - Preta D+
PERGUNTAS FEITAS NA ENTREVISTA:			

- 1) No início, quando você chegou, você disse que você gosta do seu cabelo, mas que ele dá muito trabalho. Como era a relação com seu cabelo antigamente e agora após ter assumido o seu cabelo?
- 2) Na infância, como era você com o seu cabelo?
- 3) Então você considera que sua autoestima melhorou depois que você assumiu o seu cabelo?
- 4) Como você se vê como mulher negra?
- 5) Você comentou sobre ser faxineira e das pessoas acharem que essa seria sua única opção (de trabalho na vida). Como você caracteriza essa condição estando estudando serviço social em uma faculdade pública?
- 6) Você falou sobre direitos. Quais direitos você não tinha antes e que agora você conquistou?
- 7) Para você, como se dá a rejeição da mulher negra?

É HORA DE DIZER TCHAU! MAS O FIM É O INÍCIO

Este trabalho foi, para mim, muito mais que um trabalho de conclusão de curso, mas foi também uma maneira de expressar e dar vida a uma pauta que consegui ressignificar e trazer um sentido de superação e luta. Passei por muitas dificuldades e provações para realizá-lo, e terminar todo o trabalho da forma que imaginei é satisfatório.

O Raízes Crespas foi um divisor de águas na minha vida, existe a Yasmin antes do Trabalho de Conclusão de Curso e uma outra Yasmin após a finalização. É lindo ver a minha evolução de trabalho, tanto na parte de produção como, também, a minha evolução humana que acredito que se fez essencial aqui.

Com este trabalho consegui expressar as afirmações que estavam guardadas em mim, e, além disso, consegui expor afirmações de outras mulheres que também precisavam ser ouvidas. Quantas outras mulheres poderão se identificar com o meu trabalho é algo que me instigou ainda mais a tratar esse tema. Aliás, são poucos os trabalhos acadêmicos que falam abertamente sobre o racismo e a mulher negra. É claro que temos alguns trabalhos que discutem temáticas parecidas, mas tratando-se da importância na sociedade ainda é pouco.

E por falar da importância, com esta produção espero que mais mulheres negras se sintam encorajadas a seguirem seus desejos com seus cabelos, se sintam mais fortes e livres com suas RAÍZES CRESPAS.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BERNARDET, Jean Claude. **Cineastas e imagens do povo**. Companhia das Letras, 2003.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- CHERRY A, Matthew. SMITH W, Bruce. **Hair Love**. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kNw8V_Fkw28. Acesso em: 11 ago. 2022.
- CHERRY, Matthew A. **Amor de cabelo**. Editora Record, 2020.
- DE ALMEIDA, Djaimilia Pereira. **Esse cabelo**. Todavia, 2022.
- DE MELO, Cristina Teixeira Vieira. **O documentário como gênero audiovisual**. Comunicação & Informação, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, 2002.
- DE SOUZA QUEIROZ, Rafaela Cristina. **Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra**. Cadernos de Gênero e Tecnologia, v. 12, n. 40, p. 213-230, 2019.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Autêntica Editora, 2019.
- hooks, bell. **Alisando o nosso cabelo**. Revista Gazeta de Cuba–Unión de escritores y artista de Cuba, 2005.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.
- MELO, C. T. V. de. **O documentário como gênero audiovisual**. Comunicação & Informação, Goiânia, Goiás, v. 5, n. 1/2, p. 25–40, 2013. DOI: 10.5216/c&i.v5i1/2.24168. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24168>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- Prazer, não me chamo estampa étnica**. Collab55. Disponível em: <https://www.colab55.com/collections/prazer-nao-me-chamo-estampa-etnica>. Acesso: 15/02/2023
- Puccini, Sérgio. **Introdução ao roteiro de documentário**. Campinas. São Paulo. 2009
- PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção**. Papirus Editora, 2022.
- RAMOS, Fernão. **Mas afinal, o que é mesmo documentário?**. Senac, 2008.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. Editora Companhia das Letras, 2018.
- ROSENTHAL, Alan. **Writing, directing, and producing documentary films and videos**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1996.
- SALLES, João Moreira. **A dificuldade do documentário**. 2005
- SANCHES, Aparecida Prazeres et al. **A FLOR DA PELE: RELAÇÕES RACIAIS E ESCOLHAS SEXO-AFETIVAS EM SALVADOR DE 1900/1940**. Interfaces Científicas-Humanas e Sociais, v. 6, n. 2, p. 29-40, 2017.

SILVEIRA, Paulo Vitor da; RODRIGUES, Marisa Cristina. **Trançando histórias: cabelos, trajetórias e identidades**. 2014.

THAYNÁ, Yasmin. **Kbela - O Filme**. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LGNIn5v-3cE>. Acesso em: 11 ago. 2022.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Editora Record, 2018.